

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)



EDITORA  
ARTEMIS  
2023

VOL III

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)



EDITORA  
ARTEMIS  
2023

VOL III



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizador</b>	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
<b>Imagem da Capa</b>	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil  
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yañez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*  
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*



Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba*  
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University, Russia*  
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia*  
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León, Espanha*

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. III / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-81701-13-0

DOI 10.37572/EdArt\_151223130

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



## PRÓLOGO

En este tercer volumen de Humanidades y Ciencias Sociales: Perspectiva teóricas, Metodológicas y de Investigación, seguimos en la línea de ofrecer trabajos de diferentes disciplinas que, desde sus propias trincheras, intentan el análisis de diferentes aspectos del ser humano, desde el enfoque en el propio individuo, hasta su contexto tanto inmediato como a gran escala, de la escuela que lo forma hasta la ciudad que lo cobija. Pretendiendo, como ya es usual, que el lector curioso encuentre en un solo lugar, lo que le llevaría una enorme labor en los buscadores de temas científicos. Sin perder el foco sobre lo que es inherente al humano, la variedad de autores, de metodologías, de idiomas, de países representados aquí, le dan un mayor valor a la síntesis que intentamos lograr.

La obra presenta 17 investigaciones agrupadas en 4 secciones: iniciamos con el tema A) Alumnos en su contexto escolar. La escuela tiene una importancia innegable en la socialización de los alumnos, por ello se tratan los distintos Procesos educativos, en sus diferentes entornos, tanto físicos como situacionales, así se analizan los problemas del trabajo infantil, los contextos rurales, la autorregulación en el aprendizaje, las habilidades intrapersonales, las competencias investigativas, el Aprendizaje Basado en Proyectos, el pensamiento crítico y alumnos con discapacidades. Es la sección que agrupa más capítulos, con 7.

Continuando con la escuela, vemos también la otra cara de la moneda, con el tema B) Docentes en formación, con dos estudios. También aquí vemos como los profesores se enfrentan a varios retos, por lo que aquí se trata la Planeación estratégica, la situación de docentes con estrés, su entrenamiento, y su ejecución cuando dedican su trabajo a los adultos, en situaciones de Formación a lo largo de la vida.

La tercera sección C) Empresas: Presente, pasado y futuro, revisa el siguiente contexto al que se enfrentan los estudiantes: el trabajo. Iniciamos con un vistazo al pasado, revisando la política de las empresas en el siglo de oro español; el presente con la internalización de empresas; y el futuro tratando cuestiones como, en primer lugar, los intangibles en la sociedad del conocimiento, y en segundo lugar, el diseño estratégico y la ejecución en manejo de proyectos a nivel empresarial.

Finalizamos con una sección D) Ciudades: Arquitectura, diseño, construcción y política. Un contexto físico macro, pero también un entorno Social y Cultural. Iniciamos con la utopía del momento, cómo diseñar ciudades verdes, la infraestructura para vivir bien. Seguimos con lo más concreto, tanto en términos verbales como en términos literales, cómo reforzar el concreto de los edificios que nos alojan. Le sigue otro tópico de urbanismo: recursos humanos en la construcción. Y para cerrar, un poco de política,

cómo en Europa se está manejando la Migración, la crisis de refugiados, un problema que se está agudizando en todos los continentes.

Intentamos haber representado lo más actual de las Humanidades y las Ciencias Sociales, y esperamos seguirlo haciendo en el futuro inmediato.

¡Les deseamos a todos una agradable lectura!

Luis Fernando González-Beltrán  
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

## SUMÁRIO

### ALUMNOS EN SU CONTEXTO ESCOLAR

#### **CAPÍTULO 1.....1**

##### TRABAJO INFANTIL NO PERMITIDO E IMPLICACIONES EN MÉXICO

Abelardo Rodríguez López

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231301](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231301)

#### **CAPÍTULO 2.....25**

##### LOS PROCESOS LECTORESCRITURALES EN LA RURALIDAD

Ivonne Caviedes Giraldo

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231302](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231302)

#### **CAPÍTULO 3..... 34**

##### JUGANDO HACIA EL FUTURO: EL IMPACTO DE LOS ESPORTS EN EL DESARROLLO DE HABILIDADES INTRAPERSONALES EN IBAGUÉ

John Jairo Ariza López

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231303](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231303)

#### **CAPÍTULO 4.....42**

##### INVESTIGACIÓN DE LA AUTORREGULACIÓN CÓMO MEJORARLA EN EL ÁMBITO ACADÉMICO Y SU RELACIÓN CON LA INTERNACIONALIZACIÓN

Giuseppe Francisco Falcone Treviño

Zaida Leticia Tinajero Mallozzi

Joel Luis Jiménez Galán

Sergio Rafael Hernández

Karina Ornelas Garza

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231304](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231304)

#### **CAPÍTULO 5.....97**

##### PRESENCIA DE LA COMPETENCIA DE PENSAMIENTO REFLEXIVO Y CRÍTICO EN CURRÍCULOS DE ENFERMERÍA DEL PERÚ

Sonia Olinda Velasquez Rondon

Margarita Velasquez Oyola

Loida Pacora Bernal

Gloria Isabel Angles Angles

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231305](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231305)

**CAPÍTULO 6..... 106**

INTEGRANDO TEORÍA Y PRÁCTICA: APRENDIZAJE BASADO EN PROYECTOS EN EL DESARROLLO DE COMPETENCIAS INVESTIGATIVAS EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Miguel Enrique Valle Vargas  
Cecilia del Carmen Costa Samaniego  
María José Sarmiento Costa  
Freddy Paúl Cueva Erazo  
Digna Isabel Jimenez Jimenez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231306](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231306)

**CAPÍTULO 7 ..... 118**

GUÍA PARA LA REDACCIÓN DEL PORTAFOLIO DEL ESTUDIANTE

José Ángel Meneses Jiménez  
Eugenia Mercedes Landa Morante  
Angélica Noemí Taboada Morales  
Victoria Cecilia Tipismana Herrera  
Karin Rocío Leiva Huisa

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231307](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231307)

**DOCENTES EN FORMACIÓN**

**CAPÍTULO 8..... 126**

EVALUACIÓN DEL NIVEL IMPACTO DE ESTRÉS DE DOCENTES-TUTORES EN LA ACCIÓN TUTORIAL PARA LA PROPUESTA DE FORMACIÓN EN INNOVACIÓN TUTORIAL CASO: UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE CAMPECHE

Susana Friné Moguel Marín  
Lorena Arceo Balam  
Carlos Alberto Pérez Canul  
Miguel Angel Vargas Toledo  
Cindy Janette Gómez Rosado  
Thania del Carmen Tuyub Ovalle  
Giselle Guillermo Chuc

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231308](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231308)

**CAPÍTULO 9.....137**

PERSPECTIVAS TRANSDISCIPLINARES EN LA FORMACIÓN A LO LARGO DE LA VIDA EN ESPAÑA

Manuel Martí-Puig  
Emma Dunia Vidal Prades  
Abraham Cerveró-Carrascosa

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_1512231309](https://doi.org/10.37572/EdArt_1512231309)

**EMPRESAS: PRESENTE, PASADO Y FUTURO**

**CAPÍTULO 10.....153**

LAS EMPRESAS DE SAAVEDRA FAJARDO EN LA ÉPOCA PRE-WESTFALIA

Jaume Baldiri Alavedra Regàs

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15122313010](https://doi.org/10.37572/EdArt_15122313010)

**CAPÍTULO 11..... 161**

SCRUTINISING SPANISH WINE FIRMS: AN INTEGRATED VIEW OF THEIR INTERNATIONALISATION PROCESS

Noelia Jiménez-Asenjo de Pedro  
Diana A. Filipescu

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15122313011](https://doi.org/10.37572/EdArt_15122313011)

**CAPÍTULO 12..... 198**

INTANGIBLES PARA EL PROCESO DE DISEÑO EN EL MARCO DE LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO

Ruth Matovelle Villamar  
Lourdes Ulloa López

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15122313012](https://doi.org/10.37572/EdArt_15122313012)

**CAPÍTULO 13.....208**

COMPLEXITY, DESIGN AND PROJECT COMPLETION: A STUDY OF CLINICAL TRIALS

Metin Onal Vural

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15122313013](https://doi.org/10.37572/EdArt_15122313013)

**CAPÍTULO 14.....230**

NATURE, TECHNOLOGIES, AND LIVING INFRASTRUCTURE- A THEORETICAL PERSPECTIVE FOR FUTURE CITIES

Mustapha El Moussaoui

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15122313014](https://doi.org/10.37572/EdArt_15122313014)

**CAPÍTULO 15.....243**

SISTEMATIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPARAÇÃO E REFORÇO DO BETÃO ARMADO EM EDIFÍCIOS

Fernando G. Branco

Jorge Morarji dos Remédios Días Mascarenhas

Maria de Lurdes Belgas da Costa Reis

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15122313015](https://doi.org/10.37572/EdArt_15122313015)

**CAPÍTULO 16.....267**

WORK PERFORMANCE AS PART OF A CONSTRUCTION PROJECT - PROVIDING HUMAN RESOURCES AND PRODUCTIVITY MANAGEMENT

Daniela Dvornik Perhavec

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15122313016](https://doi.org/10.37572/EdArt_15122313016)

**CAPÍTULO 17 .....284**

THE MIGRATION GOVERNANCE OF THE REFUGEE CRISIS AND THE “CRACKS” IN THE COMMON EUROPEAN IDENTITY: THE CASE STUDY OF THE ISLAND LESVOS IN GREECE

Alexandra Makridou

Frangopoulos Yannis

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_15122313017](https://doi.org/10.37572/EdArt_15122313017)

**SOBRE O ORGANIZADOR.....299**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 300**

# CAPÍTULO 1

## TRABAJO INFANTIL NO PERMITIDO E IMPLICACIONES EN MÉXICO

Data de submissão: 17/11/2023

Data de aceite: 01/12/2023

**Abelardo Rodríguez López**  
Consultante Independiente

**RESUMEN:** Se evalúan las ocupaciones no permitidas (ONP) con datos del Módulo de Trabajo Infantil 2017 a nivel nacional y regional (estados transfronterizos del Norte y Sur, estados con mayor ONP y el resto de México). De los 1,788,347 individuos entre 12 y 17 años que incurrir en ONP, 26.6% son niñas y 73.4% son niños. La brecha de género se pondera con descomposiciones de modelos probabilísticos de ONP. Las características de los sectores de actividad, edad y el ingreso mensual explican entre 67% y 58% de la brecha en México, así como en las regiones Norte y Sur. En contraste, estas características sólo explican 20% de la brecha en los estados con mayor ONP y 29% en el resto de México. El comercio y la migración posiblemente contribuyan a visibilizar la prevalencia de ONP y quizá influyan en reducir su incidencia en los sectores no exportadores.

**PALABRAS CLAVE:** Descomposición probit. Transfronterizo. Brecha de género.

## NON-PERMITTED CHILD LABOR AND IMPLICATIONS IN MEXICO

**ABSTRACT:** Data from the Infant Labor Module 2017 is used to examine the prevalence of non-permitted occupations (ONP) in four regions of Mexico – the North and South transborder states, the eight states with highest ONP, and the rest of Mexico. Out of 1,788,347 children between the ages of 12 and 17 involved in ONP, 26.6% are girls and 73.4% are boys. The gender gap is assessed with decompositions of ONP probabilistic models. Characteristics of activity sectors, per capita monthly income, and age explain 67% to 58% of the gender gap in Mexico, North and South. In contrast, these characteristics explain only 20 percent for the gap in the states with highest ONP, and 29% for the rest of Mexico. Trade and immigration are likely to make more visible the incidence of ONP and could have an impact on reducing its prevalence in the non-exporting sectors.

**KEYWORDS:** Probit decomposition. Transborder. Gender divide.

### 1 INTRODUCCIÓN

El trabajo infantil no permitido en México “se define como el conjunto de actividades económicas realizadas por niños, niñas y adolescentes que no están permitidas, ponen en riesgo su salud, afectan su desarrollo, o bien, se llevan a cabo por abajo de la edad

mínima permitida para trabajar” (INEGI, 2018a, p. 7). México es signatario de dos tratados internacionales clave, el Convenio 138 de la Organización Internacional del Trabajo (OIT) sobre la edad mínima de admisión al empleo, posterior a la Reforma Constitucional de 2014, que elevó a 15 años la edad mínima para trabajar. También ha ratificado en 2000 el Convenio 182 de la OIT sobre las peores formas de trabajo infantil (Suárez-Escobar y Durand-Alcántara, 2020), tales como la esclavitud o prácticas similares, como la venta y tráfico de niños, servidumbre por deudas y trabajo forzoso u obligatorio; utilización u oferta de niños para la prostitución o para la pornografía; la producción o tráfico de estupefacientes; y el trabajo que por su naturaleza o condiciones en que se ejecuta es probable que afecte la salud, seguridad o la moralidad infantil (Curiel-Sandoval, 2012; García-Marbella y García-Rosas, 2017).

Según Cos-Montiel (2000), existe una gran brecha entre niños jornaleros que trabajan en el sector agrícola de exportación (900,000) y niños jornaleros urbanos (147,497) reportados por el Programa Nacional de Jornaleros Agrícolas - Desarrollo Integral de la Familia 1999. “Mientras que en algunos estados de México los menores ayudan en la parcela familiar hay familias que migran desde los estados más pobres hacia aquellos en donde existen plantaciones comerciales para la exportación y se emplean como jornaleros agrícolas” (Cos-Montiel, 2000, p. 20). El autor estima que el 27% del trabajo agrícola infantil en México está involucrado en la agricultura de exportación, del cual el 42% son niños entre los 6 y 14 años y 58% entre los 15 y 17 años.<sup>1</sup> La Encuesta Nacional de Jornaleros de la Secretaría de Desarrollo Social (SIIPET, 2009) reporta que la población jornalera infantil (menor de 18 años) es 712 mil y provee detalles de actividad jornalera infantil en 15 cultivos comerciales.

De acuerdo con el INEGI (2018b) el número de niñas y niños entre 5 y 17 años involucrados en ocupaciones no permitidas (ONP) disminuyó de 3.5 millones en 2007 a 2.1 millones en 2017. Se estima que 2.312 millones de niñas y niños se encuentran ocupados en actividades económicas y de ellos 2.069 millones laboran en ocupaciones no permitidas (INEGI, 2018a). Las ocupaciones por debajo de la edad legal mínima representan 38.7% y las ocupaciones peligrosas representan 61.3%. Casi 243 mil niñas y niños trabajan

<sup>1</sup> La Encuesta Nacional de Empleo en Zonas Indígenas (ENEZI) 1997 describe aspectos sociodemográficos y ocupacionales de las diez zonas con mayor concentración de población hablante de lengua indígena. El trabajo económico infantil indígena en 1997 ascendía a 194 mil personas de 6 a 14 años, de los cuales 68 % eran niños y 32 % niñas. Los niños(as) indígenas entre los 6 y 11 años se incorporan al mercado laboral a una edad más corta que los infantes a nivel nacional, 44.5 % y 33%, respectivamente. Uno de los tantos elementos que explican la incidencia de trabajo infantil indígena es la precariedad de las familias indígenas, que, aunado a las costumbres y tradiciones de utilizar trabajo infantil en las actividades familiares, promueve a la temprana incorporación a las actividades del campo, la elaboración de artesanías y tareas domésticas para asegurar la reproducción de los medios de vida (Inegi, 2004, p. 86). Bajo el marco muestral de la ENEZI se aplicó un Módulo de Trabajo Infantil Indígena en 1999 para caracterizar el trabajo infantil en bienes y servicios para el mercado o autoconsumo (INEGI, 2004, p. 75), este módulo se discontinúa posterior a 1999.

en ocupaciones legalmente permitidas en cuanto a su edad y la naturaleza del trabajo (ocupaciones sin riesgos, jornada de trabajo apropiada y sin horario prolongado). La mayoría de ONP ocurre con niñas y niños entre 12 y 17 años, 1.788 millones o 85.1% de 2.069 millones.<sup>2</sup>

El trabajo infantil por sector de actividad se ha diversificado. En 1999, el sector primario incluía 48%, el sector secundario incluía 14% y el sector terciario incluía 38%. En este último 24% se encuentran en comercio y 14% en servicios (INEGI, 2004). En 2017, el sector primario incluía menos de 30%, el secundario 15%, comercio 25% y servicios 30% (INEGI, 2018a). Es decir, el trabajo infantil disminuyó en el sector primario y aumentó en los servicios. Existe una gran diversidad de ONP en el comercio, manufactura y servicios, sobre todo en las localidades más urbanizadas, tanto en la economía formal como en la informal (UNICEF-DIF, 2000; Pinzón-Rondón y colaboradores, 2006; Curiel-Sandoval, 2012; García-Marbella y García-Rosas, 2017).

México enfrenta tiempos difíciles. No solo debido a los requerimientos laborales bajo el Tratado entre México, Estados Unidos y Canadá (T-MEC) pero también por haberse comprometido con los EE. UU. a regular los flujos migratorios de los países del triángulo del Norte (Guatemala, El Salvador y Honduras) y de otros países de África y Asia que desean usar a México como ruta de tránsito a los EE. UU. (Meyer e Isacson, 2019). Adicionalmente, los flujos migratorios internos prevalecen debido a las pocas opciones laborales para los habitantes rurales (Rojas Rangel, 2018; Suárez-Escobar y Durand-Alcántara, 2020).

El objetivo de este estudio es analizar la situación prevaleciente en el cuarto trimestre de 2017 de niñas y niños entre 12 y 17 años bajo la lupa de las ONP. Se postula que características individuales tales como edad y sexo; características del hogar como la escolaridad máxima del jefe(a) de familia, el número total de personas viviendo en el hogar, el ingreso per cápita mensual y el apoyo gubernamental a los estudios; y las características contextuales como el ingreso per cápita por remesas, la localización rural y el sector de actividad se asocian a la ocurrencia de ONP en diferentes regiones. Algunas de esas características contribuyen a explicar las diferencias en la ocurrencia de ONP entre los sexos. Este trabajo complementa un estudio previo que evalúa las brechas de género, rural y regionales en relación con la inasistencia escolar y la población económicamente activa de niñas(os) entre 12 y 17 años (Rodríguez-López, 2021). Este conocimiento puede ser de ayuda para orientar esfuerzos que conduzcan a la reducción o eliminación de ONP en diferentes contextos.

---

<sup>2</sup> Este estudio se restringe a niños y niñas entre los 12 y 17 años y no se utiliza el término “adolescentes” al referirse a individuos entre 15 y 17 años.

En la siguiente sección se presenta un breve marco de referencia del trabajo no permitido en México. Se hace un resumen parcial de los datos del MTI 2017 (INEGI, 2018a) acerca de la distribución de ONP en seis sectores de actividad y en cuatro regiones. Se describen los datos utilizados para la construcción de modelos probabilísticos nacionales para predecir ONP de niñas y niños, así mismo, se explica el procedimiento para descomponer los modelos comparando niñas y niños en las diferentes regiones. Los resultados se presentan en dos partes, en la primera se describen los modelos probit con sus efectos marginales para las diferentes características y se ilustran las predicciones de efectos marginales de ONP de acuerdo con la edad, sexo y ambiente urbano-rural en dos regiones contrastantes. En la segunda parte se describen los resultados de las descomposiciones con respecto al sexo en México y en las cuatro regiones. Finalmente, se presenta una breve discusión y posibles implicaciones para México.

## 2 ELIMINACIÓN DEL TRABAJO INFANTIL Y DESARROLLO

La inasistencia escolar se asocia con el trabajo infantil y, por lo tanto, limita el desarrollo de capital humano que permita el acceso a empleos mejor remunerados y con mejores condiciones (Tzannatos, Orazem y Sedlacek, 2009). En su revisión acerca de las determinantes y consecuencias del trabajo infantil, Acevedo-González, Quejada-Pérez y Yáñez-Contreras (2011) anotan que las políticas encaminadas a eliminar o disminuir el problema de empleo infantil deben tomar en cuenta las diferencias regionales y atributos específicos en las zonas de estudio. También mencionan que mientras el mejoramiento de la calidad de las escuelas ayuda a reducir el trabajo infantil, esas escuelas deben ubicarse cercanas a los lugares de trabajo. Los autores puntualizan que la investigación se ha enfocado a las determinantes de la oferta del trabajo infantil y no a la demanda por este tipo de trabajo o factores que inducen a los negocios a buscar trabajo infantil.

El Proyecto “Alto al trabajo infantil en la agricultura” de la OIT-México con enfoque especial a la niñez indígena y trabajo infantil resultado de la migración interna, se realizó en Chiapas, Michoacán, Nayarit, Oaxaca, Sinaloa y Veracruz entre 2009 y 2013 es relevante. La evaluación final (ILO-IPEC, 2014, p. 22) menciona dos puntos interesantes acerca de la estrategia del proyecto. i) La ausencia de estrategias de trabajo infantil en los contextos culturales indígenas, concepciones familiares y de cultura local para diferenciar las peores formas de trabajo y orientarlas a nuevos paradigmas. Los lemas utilizados se diseñaron en las ciudades y no fueron adaptados en las mentes de las familias y a las prácticas diarias. ii) Las metas para retirarse del programa de trabajo infantil son ambiciosas: el tiempo destinado a las familias no excede 6 meses al año

debido a que migran por necesitar ingresos y el sistema educativo es precario para incluir niños indígenas migrantes y hacer el seguimiento del proceso de aprendizaje, esto aunado a restringidas alternativas de ingreso en el corto plazo en comunidades indígenas con mercados limitados.

La certificación de productos agrícolas y manufacturados libres de trabajo infantil han sido propuestos como mecanismos para contribuir a reducir o eliminar el trabajo infantil a través de incentivos o precios especiales a pagar por el consumidor. La OIT (ILO, 2019), menciona que hay alrededor de 200 certificados voluntarios en el mundo con criterios mandatorios en trabajo infantil, tales como Rugmark, UTZ, Comercio Justo (Fairtrade), Iniciativa para el Cumplimiento del Negocio Social (Business Social Compliance Initiative), Sustentabilidad Internacional y Certificación del Carbono (International Sustainability and Carbon Certification) y la Alianza para la Selva Lluviosa (Rain Forest Alliance). Algunas de estas certificaciones trabajan con cacao, café y algodón, y otros cultivos, así como madera, y la producción de alfombras, prendas, accesorios, y el suministro de servicios ambientales.

El enfoque de certificación de productos y servicios libres de trabajo infantil requiere del trabajo concertado entre el estado, el sector privado y las organizaciones internacionales no gubernamentales (Nooruddin y Sokhey, 2012). De hecho, no solo es necesario prestar atención a la certificación sino también al sistema de monitoreo y al sistema de distribución de los beneficios (Aghazadeh, 2018, p. 375). La autora propone revelar transparentemente a los consumidores y productores la magnitud de la asimetría de información entre el consumo y la producción y determinar hasta que punto esta información permite calificar la que se provee en las etiquetas para que sea útil (por ejemplo, libre de trabajo infantil, sustentable, precio justo, etc.). Para ayudar a las organizaciones no gubernamentales a minimizar la información asimétrica a un nivel más alto, Aghazadeh propone que la colaboración con OIT sería benéfica ya que esta organización posee los recursos necesarios para una supervisión más profunda del desempeño de los productores.

En anticipación a la firma del T-MEC que requiere un apego más estricto a las leyes laborales de México, incluyendo el trabajo infantil, Escobar, Martín y Stabridis (2019) implementan una encuesta con 3065 trabajadores agrícolas en diferentes partes de México que revela que los productores más grandes, quienes son miembros de asociaciones y contribuyen con la mayor parte de exportaciones de hortalizas, cumplen con las leyes laborales, mientras que los no asociados o productores informales cumplen con la ley sólo parcialmente (Escobar y colaboradores, 2019, p. 128).

Verité (2019) con el apoyo de organizaciones privadas, OIT y el Departamento del Trabajo en los EE. UU. han explorado opciones para reducir y eliminar el trabajo infantil en regiones cafetaleras en México (USDOL-ILAB, 2020). Luckstead, Tsiboe y Nallery (2020) mencionan que, en los países con más del 40% de trabajo infantil, como Mali, Burkina Faso, Níger, Kenia, Uganda y Burundi se avocan a la producción de alimentos básicos [vs de exportación], lo que hace más difícil la diseminación de los beneficios de este enfoque en donde el porcentaje de trabajo infantil es elevado (como sería el caso de los estados con mayor ONP en México). Luckstead y colaboradores (2020) simulan el consumo y producción tanto de cacao y alimentos básicos, y el trabajo/recreación (incluyendo el tiempo para actividades escolares) en las decisiones del hogar para ofrecer opciones a los tomadores de decisión. El mérito de este enfoque es que la producción y consumo de los hogares se integran en un ambiente específico, ya sea rural o no rural, sector primario, secundario o terciario, jalados por un producto agrícola [o servicio] que es parte de una cadena de suministro donde los costos de reducir o abolir el trabajo infantil son absorbidos por el sector privado y público. Este enfoque puede complementar a programas de salud, nutrición, educación y otros programas sociales.

### 3 JUSTIFICACIÓN DE ESTE ESTUDIO

Durante los primeros seis meses del mandato del presidente López Obrador (diciembre 2018-noviembre 2024), había gran entusiasmo para desarrollar una nueva política migratoria en México, que incluiría un importante impulso en la frontera sur y en la península de Yucatán. El 20 de mayo, 2019, la Administración de LO y la Comisión Económica para América Latina y el Caribe propusieron una serie de acciones para promover el desarrollo (CEPAL, 2019). La idea consistía en crear miles de empleos no solamente para los mexicanos en el sureste, pero también para migrantes potenciales de El Salvador, Guatemala y Honduras. Se mencionaron dos proyectos emblemáticos de México, el *Tren Maya* y el *Corredor Transistmico*. Sin embargo, bajo presión de la administración Trump de imponer aranceles incrementales a las importaciones de México<sup>3</sup> a menos que México tomara las medidas necesarias para detener la migración a los EE. UU., la administración de LO aceptó regular el flujo migratorio hacia México, desplegando a su recién creada Guardia Nacional en sus fronteras norte y sur. México creó un muro virtual antes de que la administración Trump construyera un muro físico en la frontera sur (Rodríguez-López, 2019; Ronquillo, 2020).

Este estudio incluye a los estados en la frontera sur y de la península de Yucatán para abordar la situación que prevalece en las ONP y que podrían ser exacerbadas con la

<sup>3</sup> No obstante que el T-MEC estaría vigente hasta junio 2020.

migración interna y/o externa. Por otra parte, la región fronteriza del Norte está expuesta a flujos de migrantes que son deportados de los EE. UU., nacionales y extranjeros. También se incluyen los estados con la mayor incidencia de ONP (INEGI, 2018b) en la parte central de México y la costa del pacífico, así como los estados en el resto de México.

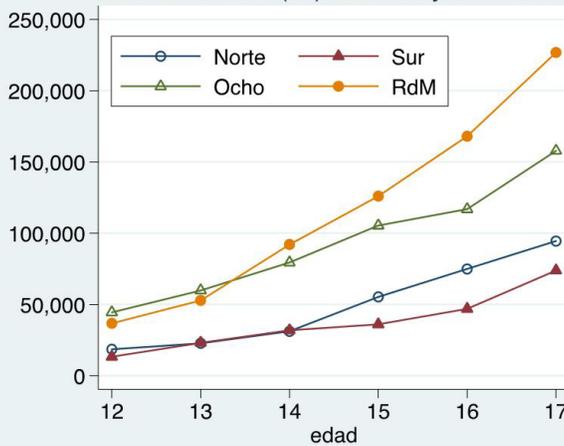
Se evalúan las brechas de género en México y en cuatro regiones con respecto a la probabilidad de incurrir en ONP. Se incluyen las características individuales, familiares o del hogar, así como características contextuales asociadas a esta probabilidad. También se identifican y cuantifican los sectores de actividades asociadas a la prevalencia de ONP.

El futuro del trabajo no permitido en México, bajo el T-MEC, estará sujeto a un minucioso monitoreo de su prevalencia en diferentes sectores (CRS, 2020) que podría ser beneficioso. El cultivo de cacao, café, tabaco y caña de azúcar en algunos estados, así como otros cultivos con uso intensivo de mano de obra y empleos intensivos en mano de obra en el sector secundario y terciario, tendrán que ajustarse a las leyes que regulan el trabajo infantil. Como consecuencia, mayor asistencia escolar y menos participación en el mercado laboral podrían tener impacto positivo en el mejoramiento del capital humano infantil si se proveen mejoras en la calidad de la educación y en la adaptación local de las condiciones del hogar en los medios rurales y urbanos, así como el continuo apoyo gubernamental a la educación infantil. Existe, sin embargo, el riesgo de concentrar esfuerzos en abolir o reducir el trabajo infantil en las cadenas de suministro de bienes y servicios exportables y desdeñar el trabajo infantil en la producción de bienes y servicios no exportadores, incluyendo actividades de subsistencia.

#### **4 OCUPACIÓN NO PERMITIDA EN MÉXICO, CUARTO TRIMESTRE 2017**

La ocupación no permitida por minoría de edad y por trabajo peligroso incluye 1.788 millones de niñas(os) entre los 12 y 17 años en las cuatro regiones en el cuarto trimestre 2017 muestra un incremento en relación con su edad (Figura 1). El incremento es mucho mayor en el resto de México (estados de Aguascalientes, Baja California Sur, Durango, Hidalgo, Jalisco, México, Morelos, Querétaro, San Luis Potosí, Sinaloa, Tlaxcala, Veracruz y la Ciudad de México), seguido por los ocho estados con mayor ONP (Ocho) (estados de Colima, Guerrero, Guanajuato, Michoacán, Nayarit, Puebla, Oaxaca y Zacatecas). Las regiones del Norte (estados de Baja California, Chihuahua, Coahuila, Nuevo León, Sonora y Tamaulipas) y del Sur (estados de Campeche, Chiapas, Quintana Roo, Tabasco y Yucatán) presentan un menor crecimiento, pero el Norte prevalece sobre el Sur entre los 15 y 17 años.

Figura 1. Ocupación no permitida (ONP) en México, niñas(os) entre 12 y 17 años.



Fuente: elaboración propia, MTI 2017 (INEGI, 2018a)

La Tabla 1 presenta los porcentajes de ONP en seis sectores de actividad en México. A nivel nacional, la agricultura, ganadería, caza-pesca tiene la mayor proporción de las ocupaciones no permitidas con menores de 15 años (31.0%), seguida por el comercio (28.1%). Aunque casi las dos terceras partes de las ocupaciones no permitidas están representadas por los empleos considerados peligrosos (1,282,290/1,788,347), su distribución entre las diferentes actividades económicas está menos concentrada que aquella de los menores de edad. A nivel nacional, casi la cuarta parte (24.5%) de los empleos peligrosos está en la agricultura, 18.1% en comercio y 16.9% en los servicios-gobierno. Los datos del MIT 2011 revelan que 36.4% de los niños entre 14 y 17 años se concentran en ocupaciones peligrosas en la agricultura, y 27% en ocupaciones industriales-artesanales; en contraste, las niñas de la misma edad se concentran en ocupaciones peligrosas en el comercio, 28.8%, y en servicios personales, 27.5% (Miranda-Juárez y Robles-Linares, 2013, p. 37). Las menores brechas entre géneros ocurren entre menores de edad en el Norte (35.2% niñas y 64.8% niños) y ocupaciones peligrosas en los Ocho estados con mayor ONP (27.4% niñas y 72.6% niños). Las mayores brechas ocurren en el Sur tanto para los menores de edad (26.3% niñas y 72.6% niños) y en ocupaciones peligrosas (19.4% y 80.6%).

Tabla 1. Niños entre 12-17 años en ocupaciones no permitidas (ONP) en México y cuatro regiones.

		Clasificación de la población según el sector de actividad									
		agcpe	manuf	constr	comer	restalo	svsgob	total	niñas		
ONP		Porcentaje								Total*	% Mex.
México	menor de edad	31.0	12.3	3.5	28.1	13.5	11.6	100.0	30.1	506,057	100.0
	peligroso	24.5	15.9	11.0	18.1	13.5	16.9	100.0	25.2	1,282,290	
Región											
Norte	menor de edad	22.4	10.7	2.0	33.2	17.3	14.3	100.0	35.2	72,444	16.3
	peligroso	20.4	13.8	9.6	18.0	17.4	20.7	100.0	24.9	224,681	
Sur	menor de edad	28.4	11.3	0.0	30.4	17.0	9.8	100.0	26.3	68,244	12.7
	peligroso	23.0	9.9	13.5	18.9	15.3	19.4	100.0	19.4	156,757	
Ocho	<edad	40.9	9.7	4.3	23.8	11.4	9.9	100.0	28.1	183,734	31.8
	peligroso	36.2	12.7	9.3	14.6	13.8	13.4	100.0	27.4	380,067	
RdM	menor de edad	25.2	15.9	3.6	29.6	12.9	12.9	100.0	31.5	181,634	39.2
	peligroso	18.2	21.0	20.4	20.4	17.2	17.2	100.0	25.5	520,755	

Norte: Baja California, Sonora, Chihuahua, Coahuila, Nuevo León y Tamaulipas. Sur: Campeche, Chiapas, Quintana Roo, Tabasco y Yucatán. Ocho (estados con mayor nivel de ONP): Colima, Guerrero, Guanajuato, Michoacán, Nayarit, Puebla, Oaxaca y Zacatecas. RdM (resto de México): Aguascalientes, Baja California Sur, Durango, Hidalgo, Jalisco, México, Morelos, Querétaro, San Luis Potosí, Sinaloa, Tlaxcala, Veracruz y la Ciudad de México.

Claves de la clasificación de la población según el sector de actividad: agcpe=agricultura, ganadería, caza-pesca y generación de electricidad; manuf=industria manufacturera; constr=industria de la construcción; comer= comercio y ventas; restalo=restaurantes y alojamiento; svsgob= servicios y gobierno. \*Elaboración del autor con datos del MTI 2017 (INEGI, 2018a), con una muestra de 42,209 individuos.

A nivel regional, los Ocho estados con la mayor prevalencia de ONP emplean menores de edad en agricultura y ganadería, 40.9%, seguido de lejos por la región Sur, 28.4%, y el resto de México (RdM), 25.2%. La región Norte emplea 33.2% de menores de edad en el comercio, seguido por la región Sur, 30.4%, RdM, 29.6%, y Ocho, 23.8%. La proporción de menores de edad se concentra en la agricultura y el comercio y no es inferior a 55% entre los dos sectores. A nivel regional, la mayor concentración de empleos peligrosos ocurre en agricultura y ganadería en Ocho, 36.2%, Sur, 23.0%, Norte, 20.4% y RdM, 18.2%. En la región Norte, servicios-gobierno concentra 20.7% de las ocupaciones peligrosas seguido por el comercio 18.0%. Tres sectores de actividad (agricultura, servicios-gobierno y comercio) concentran alrededor de 60%. En la región Sur, también se presentan estos tres sectores con proporciones similares. En la región Ocho, mientras que la agricultura y ganadería representa 36.2% del total de ONP peligroso, el grupo que

incluye manufactura, comercio, restaurantes-alojamiento y servicios-gobierno representa entre 13% y 15% cada uno.

En los trece estados del RdM, manufactura, construcción y comercio son los sectores con la mayor proporción de ocupaciones peligrosas, 61.8%. Los empleos peligrosos en el sector de la manufactura y la construcción en el RdM representan 20%-21%, y son notoriamente mayores, casi el doble, que en otras regiones del país. Los datos del MTI 2017 sugieren que las prioridades para abordar el trabajo no permitido de menores de edad y aquellos trabajando en condiciones peligrosas son la región de Ocho estados con mayor prevalencia de ONP, el Sur y el Resto de México, en ese orden.

## 5 DATOS Y MÉTODO

Se consideran cuatro regiones de México: Norte (estados de Baja California, Chihuahua, Coahuila, Nuevo León, Sonora, and Tamaulipas), Sur (estados de Campeche, Chiapas, Quintana Roo, Tabasco y Yucatán), los Ocho estados con mayor ONP (Colima, Guerrero, Guanajuato, Michoacán, Nayarit, Puebla, Oaxaca y Zacatecas ) y el Resto de México (Aguascalientes, Baja California Sur, Durango, Hidalgo, Jalisco, México, Morelos, Querétaro, San Luis Potosí, Sinaloa, Tlaxcala, Veracruz y la Ciudad de México). Y se analiza la probabilidad de ONP en relación con características individuales, del hogar y contextuales utilizando modelos probit, uno para niñas y otro para niños.<sup>4</sup> Mediante la descomposición no lineal (Fairlie, 2005) se evalúan las contribuciones de los tres tipos de características para explicar las diferencias en la probabilidad de ONP entre niñas y niños en México y en las cuatro regiones.

### 5.1 ESPECIFICACIÓN DEL MODELO DE OCUPACIÓN NO PERMITIDA

Una variable de respuesta  $Y$  es binaria, con dos posibles alternativas, denotadas como 1 o 0.  $Y$  representa la presencia o ausencia de una cierta condición, como la prevalencia de ONP, definida como la ocupación de un menor de edad o una ocupación considerada peligrosa para la salud o seguridad. Un vector de regresores  $X$  se asume que influencia el resultado  $Y$ , de acuerdo con el modelo probit,

$$\Pr (Y=1| X) = F (X^T \beta) + e$$

La probabilidad ( $\Pr$ ) de que  $Y$  tome un valor de 1 para una observación dada en  $X$  es igual a la función de distribución acumulativa de la distribución normal estándar  $F$  del producto del vector  $X^T$  y los parámetros en  $\beta$ , y  $e$  es el término de error aleatorio. Los

<sup>4</sup> El trabajo de Caballero-Pigeon (2019) incluye siete regiones socioeconómicas definidas por el INEGI de acuerdo con la similitud en marginación, pobreza y desarrollo social. Esta zonificación no permitiría hacer las comparaciones que motivan este trabajo.

parámetros en  $\beta$  son estimados por el método de máxima verosimilitud. Tres tipos de características o variables se incluyen en  $\beta$ , Individuales: edad y sexo; Hogar: seis niveles de escolaridad del jefe(a) de familia, población total en el hogar, ingreso per cápita en pesos mexicanos por mes y apoyo gubernamental a la educación; Contextuales: remesas per cápita por mes, ambiente rural o no rural, trabajo en seis sectores de actividad, y las regiones Norte, Sur, los Ocho estados con mayor ONP y el RdM.

Datos del MTI 2017 (INEGI, 2018a) se usaron para conformar las cuatro regiones mencionadas.<sup>5</sup> El ingreso promedio del hogar en MTI 2017, 2,480.62 pesos mexicanos (MXN) para el último trimestre de 2017 para niños entre 12 y 17 se usó para establecer diferentes niveles de ingreso mensual del hogar. Los cinco niveles de ingreso mensual en el MTI 2017 se establecen de la siguiente manera: i) menos de un salario mínimo (SM) equivalente a .75 (1860.46 MXN), ii) entre uno y dos SM equivalente a 1.75 SM (4321.09 MXN), iii) entre dos y tres SM equivalente a 2.5 SM (6201.55 MXN), iv) cuatro SM (9922.48 MXN), y v) seis SM (14883.72 MXN). Estos niveles de ingreso divididos entre el número total de personas en el hogar (*ptot*) determinan el ingreso per cápita mensual (*ingpc*) en pesos (Rodríguez-López, 2021). Apoyo gubernamental para los estudios (*aedu*) se incluyó como una variable precodificada de los datos del MTI 2017. Otros tipos de apoyo precodificados incluyen otros programas de apoyo gubernamental, apoyo de parientes viviendo en otra localidad, otros, y sin apoyo.

Remesas trimestrales en dólares americanos (USD) para el último trimestre de 2017, reportadas en los 31 estados y la Ciudad de México (Banxico, 2019) fueron divididos entre el número de habitantes en cada entidad política y por tres meses, multiplicado por la tasa de cambio de 18.15 MXN por USD, para estimar la remesa per cápita mensual (*rempc*) para cada entidad. Esta variable es contextual asociada a cada observación. Ambas, *ingpc* y *rempc* son variables continuas, la primera es una característica observable del MTI y la segunda es asignada en base a las remesas estatales reportadas a Banxico. Regresiones probit, efectos marginales y descomposición fueron estimados con STATA (ver. 13.1); el método de descomposición utiliza los parámetros de las regresiones probit (Fairlie, 2005).

## 6 ESTADÍSTICAS DESCRIPTIVAS DE LA OCUPACIÓN NO PERMITIDA EN MÉXICO, MTI 2017

La probabilidad de ocupaciones no permitidas (*Predpel*) en niñas es .064 y en niños .176, el error estándar es cuatro veces mayor que el promedio para las niñas y sólo

<sup>5</sup> Campeche y Tabasco, estrictamente deberían estar entre los 10 estados con mayor ocurrencia de ONP, pero se les ubicó como parte de la frontera sur al igual que Chiapas, Quintana Roo y Yucatán.

dos veces mayor para los niños (Tabla 2). Menor *Predpel* y mayor variabilidad en las niñas y mayor *Predpel* y menor variabilidad para los niños determinan diferencias en los resultados de regresión que se explican abajo. La edad y el cuadrado de ésta son muy similares para ambos sexos. El término cuadrático se introdujo para capturar el efecto no lineal de la edad.

Tabla 2. Descripción de variables y estadísticas descriptivas de ocupación no permitida (ONP) en México, niñas(os) entre 12 y 17 años en México.

Variable	Descripción	Niñas		Niños	
		Promedio <sup>1</sup>	Dev. Est.	Promedio <sup>2</sup>	Dev. Est.
Variable dependiente (Y)					
<i>predpel</i>	Probabilidad ONP	.0644	.2454	.1756	.3805
Características individuales					
<i>edad</i>	Edad	14.52	1.71	14.54	1.71
<i>edad</i> <sup>2</sup>	Edad al cuadrado	213.88	49.64	214.39	49.86
Características del hogar					
<i>sesc</i>	Sin escuela	.0507	.2194	.0500	.2180
<i>pincomp</i>	Primaria incompleta	.0976	.2968	.1010	.3014
<i>pcomp</i>	Primaria completa	.2109	.4080	.2136	.4099
<i>sincomp</i>	Secundaria incompleta	.3251	.4684	.3218	.4671
<i>scomp</i>	Secundaria completa	.3149	.4645	.3128	.4636
<i>prepo+</i>	Preparatoria o más	.0007	.0260	.0006	.0255
<i>ptot</i>	Población total	4.98	1.70	4.95	1.70
<i>ingpc</i>	Ingreso per cápita mensual	445.58	285.91	507.62	448.67
<i>aedu</i>	Apoyo del gobierno a estudios	.2554	.4361	.2374	.4255
Características contextuales					
<i>rempc</i>	Remesas per cápita mensual	521.52	434.06	524.58	437.49
<i>rural</i>	Localización rural	.1799	.3841	.1846	.3880
<i>agcpe</i>	Agric.- ganadería-caza y pesca	.0076	.0868	.0543	.2267
<i>manufac</i>	Manufactura	.0139	.1169	.0249	.1559
<i>constr</i>	Construcción	.0003	.0170	.0205	.1418
<i>comerc</i>	Comercio	.0300	.1706	.0373	.1717
<i>restalo</i>	Restaurantes y alojamiento	.0174	.1309	.0213	.1445
<i>svsgob</i>	Servicios y gobierno	.0152	.1222	.0304	.1717
<i>Norte</i>	Región Norte	.1794	.3837	.1802	.3844
<i>Sur</i>	Región Sur	.1499	.3569	.1474	.3545
<i>Ocho</i>	Estados con mayor ONP	.2538	.4352	.2491	.4325
<i>RdM</i>	Región resto de México	.4169	.4930	.4233	.4941

1 N=20,699

2 N=21,517

Significancia: \*p≤.05, \*\*p≤.01, \*\*\*p≤.001

Fuente: estimación del autor con datos del MTI 2017 (INEGI, 2018a).

Las características del hogar entre niñas y niños no muestran grandes diferencias en los promedios y desviaciones estándar. La escolaridad del jefe(a) de familia es muy similar. El ingreso per cápita de los niños (507.62 MXN) es 14% mayor que el de las niñas (445.58 MXN), aunque el número total de personas en la misma vivienda son prácticamente iguales. Esto sugiere que el ingreso remunerado de ese hogar es mayor en el caso de los niños con ocupaciones no permitidas. En contraste, la proporción de niñas que reciben apoyos gubernamentales para su educación es 8% mayor que los apoyos recibidos por los niños.

Las características contextuales reflejan que las remesas per cápita mensuales y la condición de ruralidad son muy similares entre niñas y niños. Sin embargo, se presentan diferencias sustanciales en los sectores de ocupación donde ocurre la ONP. La mayor presencia de niñas en ONP se encuentra en el comercio, .030, seguido por restaurantes y alojamiento, .017, servicios y gobierno, .015, manufactura .034, y solamente .0003 en la construcción.<sup>6</sup> En contraste, ONP en los niños es dominada por agricultura-ganadería-caza-pesca, .054, seguido por comercio, .037, servicios y gobierno, .030, manufactura, .025, restaurantes y alojamiento, .021, y construcción, .020.

## 6 RESULTADOS DE LOS MODELOS PROBIT DE NIÑAS Y NIÑOS

Los resultados de una regresión probit para niñas y otra para niños se reportan en la Tabla 3, los coeficientes, errores estándar y efectos marginales; cada uno de estos últimos, definidos, como la derivada de la variable dependiente con respecto a un regresor específico ( $dy/dx$ ) para variables continuas, pero en el caso de variable discontinuas,  $dy/dx$  es igual al cambio de la característica en  $X$  de 0 a 1.

Tabla 3. Probabilidad de ocupación no permitida (*Predpel*) en niñas(os) entre 12 y 17 años en México.

Variable	Niñas			Niños		
	Coefic.	Error est.	dy/dx	Coefic.	Error est.	dy/dx
Características individuales						
<i>edad</i>	-.3441	.4043	-.0017	.6286	.2953	.0433**
<i>edad**2</i>	.0046	.0136	.00002	-.0250	.0101	-.0017**
Características del hogar						
<i>sesc</i>	-.2720	1.2800	-.0008	.0637	1.3654	.0047
<i>pincomp</i>	-.4586	1.2764	-.0012	.2130	1.3631	.0172
<i>pcomp</i>	-.5339	1.2750	-.0016	.0463	1.3621	.0033
<i>sincomp</i>	-.5381	1.2744	-.0020	-.0434	1.3622	-.0029

<sup>6</sup> En esta sección los porcentajes son relativos al número de observaciones para niñas (20,699) y niños (21,517) en MTI 2017 y no son directamente comparables con los porcentajes de ONP en la Tabla 1, que se limita a las ONP y distinguiendo entre ONP por minoría de edad y peligrosidad de la ocupación.

<i>scomp</i>	-.7779	1.2751	-.0027	-.3303	1.3627	-.0205
<i>prepo+</i>	omitido		omitido			
<i>ptot</i>	.0310	.0192	.0001	.0474	.0151	.0033***
<i>ingpc</i>	.0002	.00005	.00000***	.0003	.00004	.00002***
<i>aedu</i>	.0419	.0781	.0002	-.1725	.0625	-.0109***
Características contextuales						
<i>rempc</i>	-.0002	.0001	-.00000**	-.0003	.00007	-.00002***
<i>rural</i>	-.2309	.0924	-.0008***	.2152	.0710	.0169***
<i>agcpe</i>	5.8386	.3116	.9962***	5.3727	.1966	.9842***
<i>manufac</i>	4.9069	.1512	.9661***	3.9861	.0958	.9537***
<i>constr</i>	omitido		5.1076		.2399	.9752***
<i>comerc</i>	3.9375	.1147	.7934***	3.5709	.0733	.9187***
<i>restalo</i>	4.3247	.1295	.8936***	3.8375	.0934	.9448***
<i>svsgob</i>	4.0393	.1311	.8354***	3.8187	.0858	.9429***
<i>Norte</i>	.0083	.0889	.00004	.1790	.0690	.0137**
<i>Sur</i>	-.1831	.1074	-.0007*	-.1713	.0799	-.0106**
<i>Ocho</i>	.2425	.0897	.0013**	.1216	.0710	.0089*
<i>RdM</i>	omitido		omitido			
Constante	1.8254	3.2050	-6.6691***		2.5558	
Número de Observ.	20,693		21,517			
Pseudo R <sup>2</sup>	.8042		.8538			
Clasific. correcta	97.98%		97.94%			

Significancia: \*  $p \leq .05$ , \*\*  $p \leq .01$ , \*\*\*  $p \leq .001$

Fuente: estimación del autor con datos del MTI 2017 (INEGI, 2018a).

## 6.1 CARACTERÍSTICAS INDIVIDUALES

Los coeficientes de edad y el cuadrado de la edad para niñas son significativos para los niños, el signo del término cuadrático implica que *Predpel* aumenta con la edad, pero decrecientemente. Esto es debido a que el efecto marginal es de .0433 y -.0017 por cada año, respectivamente. Esto contrasta con el efecto marginal no significativo de la edad (y el cuadrado de ésta) para las niñas, los errores estándares son mayores que sus coeficientes.

## 6.2 CARACTERÍSTICAS DEL HOGAR

El nivel de escolaridad del jefe(a) de familia (sin escolaridad “*sesc*”, primaria incompleta “*pincomp*”, primaria completa “*pincomp*”, secundaria incompleta “*sincomp*”, secundaria completa “*scomp*”, estudios preparatorios o más “*prepo+*”) no es significativo para ninguno de los seis niveles. Sin embargo, se aprecia que los efectos marginales para

las niñas se hacen más negativos escalonadamente para los cinco primeros niveles de escolaridad del jefe(a) de familia y sólo son negativos para los jefes(as) de familia con estudios de secundaria en el caso de los niños.<sup>7</sup> El número de personas en el hogar es significativo y con un efecto marginal de .0033 por cada individuo adicional en el hogar. El ingreso per cápita (*ingpc*) de los niños es 507.62 MXN y el efecto marginal .00002 es significativo, por lo que el efecto en el promedio de ingreso es de .0102. Por otra parte, el efecto marginal en las niñas es significativo, pero, menor a .000001, con un efecto marginal en el promedio de ingreso de .0004. El apoyo gubernamental a la educación (*aedu*) es significativo para los niños, que reduce la *Predpel* por .0110; sin embargo, este apoyo no es significativo para las niñas y con un efecto marginal de .0002.

### 6.3 CARACTERÍSTICAS CONTEXTUALES

Las remesas mensuales per cápita tienen un efecto negativo en *Predpel* para niñas y niños, es decir, las remesas disminuyen ligeramente la probabilidad de involucrarse en trabajo no permitido, .0021 para las niñas y .0105 para los niños. La localización rural influye negativamente en la *Predpel* en las niñas, -.0008 pero, positivamente en el caso de los niños, .0169, esto podría asociarse con aspectos culturales que influyen a que las niñas permanezcan en el entorno del hogar para trabajo doméstico y/o cuidado de la familia (Murrieta, 2016), y los niños, en contraste, son más propensos a trabajar fuera del hogar a pesar de ser menores de edad o involucrarse en actividades peligrosas.

Los seis grupos por sector de actividad son altamente significativos para los niños y sólo en cinco son altamente significativos para las niñas, el sector de la construcción se omitió para las niñas por tener solo seis observaciones. Los efectos marginales de agricultura-ganadería-caza-pesca (*agcpe*) son mayores a .984 para niños y niñas, los efectos marginales de la manufactura varían entre .954 y .966, respectivamente. En el conjunto de los sectores de construcción, comercio, restaurantes-alojamiento y servicios-gobierno presenta efectos marginales entre .919, en el comercio y .975 en la construcción para los niños mientras que estos valores son varían entre .793, comercio y .894, restaurantes-alojamiento, para las niñas.

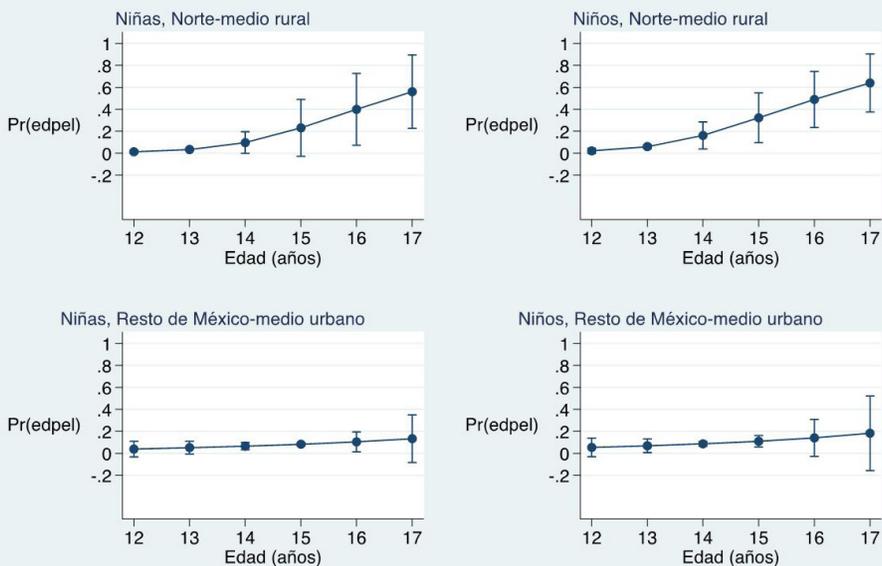
Las regiones del Norte, Sur, y los Ocho estados con mayor ONP presentan efectos marginales significativos en relación con el RdM. Es decir, la probabilidad de ocupación no permitida se ajusta con respecto a RdM. Los efectos marginales para los niños son significativos en tres regiones: el Norte .014 y los Ocho estados con mayor ONP .009, en contraste, el Sur presenta un efecto marginal negativo, -.11. Los efectos marginales para

<sup>7</sup> Es importante mencionar que la correlación entre ONP (*edpel*) y la inasistencia escolar para niñas(niños) entre 12 y 17 años es .3540, sólo niñas .2137 y sólo niños .4486.

las niñas son significativos en el Sur y Ocho, pero sus efectos marginales son mucho menores en relación con los niños, 15 veces menores en el Sur y casi 7 veces menores en Ocho.

El modelo para niñas no tiene un coeficiente significativo para el intercepto, es decir, el intercepto no es significativamente diferente a cero. El pseudo  $R^2$  para el modelo de niñas es 0.80 y el de los niños es .85. Los modelos probit para ambos sexos clasifican correctamente el 97 % de los casos analizados. Estos modelos explican el comportamiento de *Predpel* en relación con la edad, localización rural/urbana, sexo, o sector de actividad. En la Figura 2 se muestran los efectos marginales de *Predpel* en niñas y niños en el medio rural del Norte y urbano del Resto de México. En las dos gráficas superiores se aprecia que, a mayor edad de las niñas y niños el efecto marginal de *Predpel* se incrementa, pero también se incrementa la incertidumbre asociada a la predicción. El efecto marginal de la edad para niñas en el Norte rural es .011 a los 12 años y .524 a los 17 años.<sup>8</sup> El efecto marginal de la edad para niñas y niños en el RdM urbano es poco perceptible. Las niñas incrementan los efectos marginales con respecto a la edad, pero a una escala mucho menor en el eje vertical, a los 17 años el efecto marginal es menor a .140. En RdM urbano los niños presentan efectos marginales un poco más elevados que las niñas en todas las categorías de edad y se nota una menor incertidumbre asociada a cada predicción.

Figura 2. Efectos marginales e intervalos de confianza a 95%.



Fuente: Elaboración propia, MTI 2017 (INEGI, 2018a)

<sup>8</sup> Los números provistos en el texto son tomados de los resultados de STATA, que son mucho más precisos de lo que se aprecia en los gráficos.

A estos gráficos se pueden agregar restricciones para evaluar cada uno de los seis grupos de sector de actividad en donde ocurre la ONP para visualizar las diferencias e incertidumbres que pueden ser relevantes para el monitoreo de ONP en diferentes regiones. Si el MTI incluyera una variable que identificara a los individuos como indígenas, esto podría ser una condición adicional en las gráficas de efectos marginales.

## 7 DESCOMPOSICIÓN DE LOS MODELOS PROBIT CON RESPECTO AL SEXO

La descomposición no lineal de los modelos probit permite medir las contribuciones de diferentes características individualmente o por grupos arbitrariamente predeterminados para explicar las diferencias en *Predpel* con respecto al sexo o alguna otra variable discreta. Los resultados de la descomposición de las diferencias en *Predpel* para niños(as) entre 12 y 17 años se muestran en la Tabla 4. En la primera columna se identifican las características evaluadas: individuales, del hogar tanto educativas como del ingreso, el contexto de remesas y localización rural, el contexto de los sectores económicos, y el contexto regional.<sup>9</sup> En las últimas cinco filas se especifican el número de observaciones para niñas y niños incluidos en la descomposición, la diferencia en *Predpel* estimada por los modelos probit, el total explicado por la descomposición (igual a la suma de los coeficientes en cada columna) y el porcentaje explicado para cada descomposición. La rutina Fairlie en STATA ejecuta 100 simulaciones reemplazando las observaciones del grupo 1 utilizando los parámetros estimados en el grupo 0 para determinar los pesos que cada variable o las variables agrupadas (Fairlie, 2017).

Tabla 4. Descomposición no lineal de la probabilidad de ocupación no permitida (*Predpel*) con respecto al sexo, niñas(os) entre 12 y 17 años en México.

Características	México	Norte	Sur	Ocho estados con mayor ONP	Resto de México
Individual	.00821*** (.00099)	.00544** (.00206)	.00706** (.00274)	.00258** (.00084)	.00328*** (.00089)
Hogar, educativo	.00016 (.00041)	.00110 (.00151)	-.00067 (.00171)	.00094 (.00068)	.00001 (.00041)
Hogar, ingreso	-.00120** (.00045)	-.00034 (.00136)	-.00087 (.00163)	-.00280** (.00086)	-.00056 (.00049)
Contexto, remesas-rural	.00092 (.00055)	.00035 (.00112)	.00093 (.00152)	-.00034 (.00039)	-.00017 (.00040)
Contexto, sector de actividad	-.0830*** (.00127)	-.0652*** (.00374)	-.08250*** (.00429)	-.0274*** (.00104)	-.03140*** (.00101)
Contexto regional	.00025 (.00026)				

<sup>9</sup> En el pie de tabla se especifican las características de tipo individual, hogar y contextual. También es posible analizar todas y cada una de las variables, pero en este caso, la agregación facilita la interpretación de los resultados.

Obs. G=0	20,699	3,714	3,102	5,254	8,629
Obs. G=1	21,517	3,878	3,171	5,360	9,108
Diferencia	-.1123	-.10085	-.11541	-.13472	-.10052
Explicada	-.07472	-.05861	-.07452	-.02670	-.02886
% explicada	67.2	58.1	64.6	19.8	28.7

Clave de grupos. G =0: niñas, G=1: niños.

Grupos de características o variables. Individual: edad y edad al cuadrado; Hogar educativo: sesc, pincomp, sincomp, scomp y prep+; Hogar ingreso: ptot, ingpc y aedu; Contexto remesas rural: rempc y rural; Contexto sector económico: agcpe, manufac, constr, comerc, restalo y svsgob; Contexto regional: las cuatro regiones (sólo para el modelo México). Ver descripción de variables en la Tabla 2.

Estimaciones siguiendo a Fairlie (2005) usando STATA con 100 replicaciones ordenadas aleatoriamente, datos del MTI 2017 (INEGI, 2018a)

Significancia: \*\*  $p \leq .01$ , \*\*\*  $p \leq .001$ .

La descomposición para México incluye las variables ficticias para el Norte, Sur, los Ocho estados con mayor ONP y el RdM, pero no es así con las descomposiciones para las cuatro regiones. Las características individuales son significativas para México y las cuatro regiones.<sup>10</sup> Las características del hogar en relación con la escolaridad del jefe o jefa de familia no fueron significativas para México o las cuatro regiones. En contraste, las características del hogar relacionadas al ingreso fueron significativas en México y en los Ocho estados con mayor ONP.

Las características contextuales, como las remesas per cápita mensuales-rural no es significativo para México ni en las cuatro regiones. Sin embargo, la parte del león es para el grupo de variables contextuales relacionadas con el sector de actividad en donde ocurre la ONP, este grupo fue altamente significativo en México y en las cuatro regiones, con el mayor coeficiente negativo en México (-.083), seguido por el Sur (-.080), el Norte (-.065) y valores mucho menores en los Ocho estados con mayor ONP y RdM. En el modelo nacional, el contexto regional no fue significativo.

Los sectores de actividad explican la mayor parte de las diferencias entre niñas y niños en México, el Norte y el Sur. Esto contrasta con los ocho estados con mayor ONP y el resto de México, en donde los sectores de actividad no explican más de 20 % en los Ocho estados con mayor incidencia de ONP y no más de 29 % en RdM. En estas dos regiones, la parte no explicada por la descomposición es mucho mayor que la parte explicada. La omisión de importantes factores, incommensurables o difíciles de medir pueden determinar las diferencias no explicadas en la descomposición. Una posible tarea podría ser investigar qué variables del MTI 2017 podrían añadirse a las características del hogar para contribuir a explicar diferencias en *Predpel* para las niñas en los ocho estados

<sup>10</sup> Resultados de los modelos probit usados en las descomposiciones no lineales no se incluyen en beneficio de la brevedad ya que se requerirían al menos dos tablas, cada una con cuatro regresiones para niñas y cuatro para niños para las cuatro regiones.

con mayor incidencia de ONP y en el resto de México dónde la contribución absoluta de las variables contextuales es baja.

Los signos de las características individuales son positivos mientras que los signos de las características contextuales son negativos, predominando el peso de las características contextuales, que son 7.5 a 10.9 veces mayores a las características individuales (RdM y Norte, respectivamente).<sup>11</sup> Aunque los modelos base para las descomposiciones tienen un pseudo  $R^2$  de .8042 en México, .7674 en el Norte, .8168 en el Sur, .8224 en Ocho y .7792 en RdM, son relativamente precisos y con porcentajes de casos correctamente clasificados mayores a 97% (no incluidos en la Tabla 4), la evaluación de las diferencias en *Predpel* en relación con las características individuales, del hogar y contextuales no son tan precisas y no necesariamente una consecuencia de la robustez de los modelos probit base. Las características no observadas o no incluidas en el modelo probit posiblemente explicarían el restante 32.8% de las diferencias en *Predpel* en el modelo nacional o el 80% en el modelo de la región de los ocho estados con mayor incidencia de ONP.

Se podrían examinar las variables relacionadas al hogar tales como, el sexo del jefe de la familia, la presencia de hermanos mayores y menores, tipo de familia (madre/padre soltero, casado), situación de empleo y condición laboral del padre y la madre, entre otros, para identificar posibles puntos de entrada para mejorar la situación del hogar y contribuir a disminuir la incidencia de ONP. En el caso de características individuales y contextuales, hay poco que hacer con respecto a la edad, la región, y a los sectores de actividad que atraen empleo en ocupaciones no permitidas. Sin embargo, las características individuales, regionales, ruralidad y sectores de actividad definirían características indicativas para el monitoreo de trabajo infantil no permitido.

## 8 DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES

Se identifican dos factores que influirán sobre la ocurrencia de ONP en México, el primero es el comercial y el segundo es el migratorio.

Durante las negociaciones del T-MEC, se enfatizaron dos rubros, el ambiental y el laboral. Con respecto al segundo, no solamente se trataba de mejorar las condiciones de empleo de los trabajadores, incluyendo salarios, beneficios y democracia sindical sino también adherirse al marco de la ley del trabajo que incluye el empleo de menores de edad, su empleo en ocupaciones peligrosas y el trabajo forzoso, como lo estipula la ley

---

<sup>11</sup> La diferencia entre los grupos cambia los signos (e.g. *Predpel*  $G=1$  menos *Predpel*  $G=0$ ), pero no los resultados del porcentaje explicado en la descomposición no lineal, que es un método robusto y puede comparar grupos de tamaños muy diferentes (Fairlie, 2005).

(SRE-GOM, 2020, Capítulo 23). Bajo el mecanismo de respuesta rápida, un reclamo [de alguna de las partes] puede hacerse con respecto a posibles violaciones a los derechos de los trabajadores en concordancia con los compromisos de la reforma laboral de México bajo el Tratado. Las violaciones pueden resultar en suspensión de las tarifas preferenciales o penalidades potenciales a bienes manufacturados o al suministro de servicios (CRS, 2020, p. 1).

El Departamento del Trabajo de los EE. UU. reporta 12 productos que requieren verificación y monitoreo de prácticas infantiles: amapola, berenjena, café, caña de azúcar, cebolla, chiles, frijoles, melones, pepino, pornografía, tabaco y tomates (USDOL, 2018, p. 9). Los chiles y tomates también se mencionan como cultivos que incluyen el trabajo forzado (USDOL, 2018, p. 21) y el cultivo de amapola y la pornografía están claramente vinculadas con el crimen organizado (García-Marbella y García-Rosas, 2017). Es predecible que el monitoreo de ONP será más meticuloso en la agricultura y pornografía como productos exportables de México. La pornografía infantil se realiza en México por turistas extranjeros que contratan u obligan a menores de edad para producir material pornográfico (García-Marbella y García-Rosas, 2017, p. 333). Los servicios de restaurantes y alojamiento, que pueden estar directa o indirectamente vinculados con este producto de exportación, podrían ser monitoreados con más detalle.

Los posibles incrementos de la población debido a flujos migratorios asociados a las políticas de México y países vecinos, o bien como resultado del proyecto *Tren Maya* o el *Corredor Transístmico*, megaproyectos insignias de la administración de LO, podrían aumentar el empleo informal en las regiones transfronterizas y en los Ocho estados con mayor incidencia de ONP. Es incierto si el futuro será más promisorio para los niños que han tenido un acceso limitado a la educación o simplemente se exacerbará la informalidad laboral con limitado apego a la ley laboral que prevalece en algunos sectores de actividad, sobre todo en los no-exportadores. Este estudio puede servir como referencia.

Este trabajo contribuye al entendimiento de características individuales, del hogar y contextuales como determinantes de la ocurrencia de ONP en niñas(os) entre 12 y 17 años en México y cuatro regiones, Norte, Sur, los Ocho estados con mayor incidencia de ONP y el Resto de México. Los modelos probit a nivel nacional para niñas y niños explican la probabilidad de ONP o *Predpel*, la edad y el cuadrado de esta son significativos para los niños, pero no para las niñas. Por otra parte, el ingreso per cápita mensual es significativo para ambos sexos, pero el apoyo gubernamental para estudiar es significativo sólo para los niños. Las remesas mensuales per cápita decrecen la incidencia de ONP en niñas y niños, pero la condición de ruralidad decrece la incidencia

de ONP en las niñas mientras lo contrario ocurre con los niños (Murrieta, 2016; Rodríguez-López, 2021). Los grupos de sector de actividad son altamente significativos para ambos sexos, con la excepción de las niñas, que no participan en la construcción. La significancia de las variables ficticias para las regiones apoya la regionalización del estudio. Los gráficos de efectos marginales e intervalos de confianza de *Predpel* con respecto a la edad, sexo, localización urbana/rural y región muestran la posibilidad de identificar efectos y apreciar posibles dificultades y costos en el monitoreo de ONP.

La descomposición de los modelos probit a nivel nacional ejemplifica la ponderación de cada variable o grupos de variables que explica(n) las diferencias en *Predpel* entre niñas y niños, o la brecha de género (.1112 a nivel nacional, desde .1005 en el RdM, a .1347 en los Ocho estados con mayor ONP). A nivel nacional, región Norte y región Sur, la descomposición explica, respectivamente, 67%, 58% y 65% de las diferencias en *Predpel* entre niñas y niños. Las características contextuales del sector de actividad explican más de la mitad de la variación en *Predpel*, seguido por las características individuales (edad), y, por último, el ingreso per cápita mensual, como una característica del hogar. En contraste, en la región de los Ocho estados con mayor incidencia de ONP y el RdM no se explica más del 20% y 29%, respectivamente, las diferencias en *Predpel*. Variables no incluidas en los modelos probit o que no son observables determinan la capacidad explicativa de las diferencias y esto sugeriría una posible línea de trabajo. La parte no explicada de la descomposición puede estar relacionada con la discriminación [de género en una región particular] debido a la inconmensurabilidad o a las características no observables (Fairlie, 2005 y 2017).

Las contribuciones totales de los diferentes sectores de actividades son diferentes entre niños y niñas, falta analizar si estas contribuciones son similares y solamente existe un efecto multiplicador en el cuál México, Norte y Sur, explican más plenamente lo que los Ocho estados con mayor incidencia de ONP y el Resto de México explican en menor grado, o bien, que son regiones muy diferentes. Un aspecto para explorar son las interacciones entre el sector de actividad y características del hogar, tales como el número de hermanas(os) mayores y menores, el sexo-tipo y-condición de empleo del jefe del hogar, etc., como lo sugiere Murrieta (2016), y las características individuales. Esto requeriría incorporar estas interacciones en los modelos probit, o bien considerar modelos diferentes que incluyan características del hogar que conduzcan a mejorar el ingreso familiar y promuevan la asistencia escolar, de esta forma incorporar interacciones, posiblemente significativas, en la descomposición de las diferencias en *Predpel*.

Queda por explorar la construcción y evaluación de modelos de consumo y producción que integren incentivos para que los empleadores se adhieran voluntariamente a un programa que pague precios especiales por productos o servicios certificados de no-trabajo infantil, condiciones justas o sostenibles con apoyo del sector privado, gobierno, OIT y organizaciones de la sociedad civil (ver Luckstead y colaboradores, 2020 y Aghazadeh, 2018). Esta idea tiene la ventaja de que se incluyen incentivos tangibles para los hogares para abolir o reducir el trabajo infantil no permitido y enviar y sostener a los menores en la escuela.

## REFERENCIAS

Acevedo-González, K., Quejada-Pérez R. & Yáñez-Contreras, Y. (2011). Determinantes y consecuencias del trabajo infantil: un análisis de la literatura. *Rev. Fac. Cienc. Econ.*, vol. XIX (1), junio, 113-124. Recuperado de [http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-68052011000100007&script=sci\\_arttext&lng=en](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-68052011000100007&script=sci_arttext&lng=en)

Aghazadeh, N. (2018). Promoting Labour Standards in Global Supply Chains Through Consumer´s Choice: Is Social Labeling Effective? In: H. Gött (Ed.) *Labour Standards in International Economic Law*, Springer International Publishing, pp. 355-378.

Banco de México (BANXICO). (2019). Sistema de Información Económica. Ingresos por Remesas por Entidad Federativa. Recuperado de <http://www.banxico.org.mx/SieInternet/consultarDirectorioInternetAction.do?accion=consultarCuadroAnalitico&idCuadro=CA79>

Caballero-Pigeon, P. M. (2019). Análisis del trabajo infantil en las regiones de México. En: L. Estrada Quiroz (Coordinadora). *Población y desarrollo sostenible, Políticas públicas y avances en la medición sociodemográfica. Octavo Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población*, Puebla, 23 al 26 de octubre 2018, pp. 117-129. Recuperado de <https://n9.cl/kqey0>

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL). (2019). Hacia un nuevo estilo de desarrollo. Plan de Desarrollo Integral El Salvador-Guatemala-Honduras-México. Diagnóstico, áreas de oportunidad y recomendaciones de la CEPAL (LC/MEX/TS.2019/6), Ciudad de México. Recuperado de <https://cisanunam.blogspot.com/2019/06/hacia-un-nuevo-estilo-de-desarrollo.html>

Congressional Research Service (CRS) (2020). USMCA Amendment and Key Changes. *In Focus*, 11391, January 30, 2020, Washington, D.C. Recuperado de <https://crsreports.congress.gov/search/#/?termsToSearch=focus%2011391&orderBy=Relevance>

Cos-Montiel, F. (2000). Sirviendo a las mesas del mundo: las niñas y niños jornaleros agrícolas de México. En: N. Del Río. (Coord.) *La infancia vulnerable de México en un mundo globalizado*, UAM-UNICEF, México, pp. 15-38. Recuperado de [http://www.uam.mx/cdi/pdf/publicaciones/infancia\\_vuln/los\\_ninos.pdf](http://www.uam.mx/cdi/pdf/publicaciones/infancia_vuln/los_ninos.pdf).

Curiel-Sandoval, V.A. (2012). El trabajo infantil: un problema intolerable en expansión. *Alegatos*, Núm. 82, México, septiembre/diciembre, 749-780. Recuperado de <https://n9.cl/j4hc>

Escobar, A., Martin, P. y Stabridis, O. (2019). Farm Labor in Mexico´s Export Produce Industry. Wilson Center, Washington, DC. Recuperado de <https://n9.cl/el4y>

Fairlie, R.W. (2005). An extension of the Blinder-Oaxaca decomposition techniques to logit and probit models. *Journal of Economic and Social Measurement*, 30, 305-316. Recuperado de <https://content.iopress.com/articles/journal-of-economic-and-social-measurement/jem00259>

Fairlie, R.W. (2017). Addressing path dependence in Incorporating Sample Weights in the nonlinear Blinder-Oaxaca decomposition technique for logit, probit and other nonlinear models. SIEPR Discussion Paper No. 17-013, Stanford Institute for Economic Policy Research, Stanford, California. Recuperado de <https://siepr.stanford.edu/research/publications/addressing-path-dependence-and-incorporating-sample-weights-nonlinear-blinder>

Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia-Dirección Integral de la Familia. (UNICEF-DIF) (2000). Programa para la prevención, atención, desaliento y erradicación del trabajo infantil urbano marginal. México. Recuperado de <https://n9.cl/y9g6>

García-Marbella, A. y García-Rosas, E. (2017). La trata de personas en la modalidad de trabajo infantil. *Revista de Derecho*, Universidad del Norte, 47, 310-338. Recuperado de <http://rcientificas.uninorte.edu.co/index.php/derecho/article/viewArticle/8181>

Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI). (2004). El Trabajo Infantil en México, 1995-2002. Aguascalientes, Ags., México: Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Recuperado de <https://www.inegi.org.mx/app/buscador/default.html?q=trabajo+infantil+en+mexico+1995-2002>

\_\_\_\_\_. (2018a). Módulo de Trabajo Infantil MTI 2017, Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo, Documento Metodológico, Aguascalientes, Ags. México: Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Recuperado de <https://www.inegi.org.mx/app/biblioteca/ficha.html?upc=702825102258>

\_\_\_\_\_. (2018b). Módulo de Trabajo Infantil MTI 2017, Encuesta Nacional de Ocupación y Empleo, Principales resultados, PDF de Presentación en PowerPoint, Aguascalientes, Ags. México: Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Recuperado de <https://n9.cl/1343>

International Labour Organisation-International Program on the Elimination of Child Labour (ILO-IPEC). (2014). IPEC Evaluation: Stop Child Labour in Agriculture in Mexico. ILO-IPEC, USDOL, Washington, D.C. Recuperado de [https://www.dol.gov/sites/dolgov/files/ILAB/evaluation\\_type/final\\_evaluation/Mexico\\_Agriculture\\_feval.pdf](https://www.dol.gov/sites/dolgov/files/ILAB/evaluation_type/final_evaluation/Mexico_Agriculture_feval.pdf)

International Labour Organisation (ILO). (2019). Developing and implementing a child labor free certification scheme for enterprises in Vietnam. Hanoi, Vietnam. International Labor Organization. Recuperado de <https://n9.cl/4yt5>

Lara-Flores, S. M. (2008). ¿Es posible hablar de un trabajo decente en la agricultura moderno-empresarial en México? *El Cotidiano*, Núm. 147, enero-febrero, pp. 25-33. Recuperado de <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=325/32514704>

Luckstead, J., Tsioboe, F. y Nallery, L.L. (2020). Estimating the economic incentives necessary for eliminating child labor in Ghanaian cocoa production. *PLoS ONE* 14(6), e0217230. Recuperado de <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0217230>

Meyer, M. y Isacson, A. (2019). The “Wall Before the Wall: Mexico’s Crackdown on Migration at its Southern Border.” WOLA Advocacy for Human Rights in the Americas, Washington, D.C. Recuperado de <https://www.wola.org/analysis/mexico-southern-border-report/>

Miranda-Juárez, S. y Robles-Linares, S.G. (2013). Condiciones laborales del trabajo infantil en México, 2011. *Revista Infancias Imágenes*, Vol. 12, No. 1, enero-junio 2013: 28-43. Recuperado de <https://doi.org/10.14483/16579089.4920>

Murrieta, P.C. (2016). Child labor and Household Composition: determinants of Child Labor in Mexico. *Asian Journal of Latin American Studies*, vol. 29(3), 29-54. Recuperado de <http://www.ajlas.org/>

Nooruddin, I. y Sokhey, S.W. (2012). Credible Certification of Child Labor Free Production. In: *The Credibility of Transnational NGOs: When Virtue Is Not Enough*, ed. Peter Gourevitch, David A. Lake,

and Janice G. Stein, pp. 62-85, New York: Cambridge University Press. Recuperado de <http://www.academia.edu/download/30741471/childlabor.pdf>

Pinzón-Rondón, A. M., Briceño-Ayala, L., Botero, J.C., Cabrera, P. y Rodríguez, M.N. (2006). Trabajo infantil ambulante en las capitales latinoamericanas. *Salud Pública de México* Vol. 48(5), septiembre-octubre: 363-372. Recuperado de <https://n9.cl/029h>

Rodríguez-López, A. (2019). ¿Enverdecen las pasturas y regresan migrantes? *La Jornada Maya*, 26 de noviembre.

Rodríguez-López, A. (2021). School nonattendance and child labor in Mexico: North-South, Gender, and Rural Divides. *Análisis Económico*, Vol. 36, Núm. 91:32-62.

Rojas-Rangel, T. De J. (2018). Organismos internacionales y acciones gubernamentales para la protección de los derechos de niños migrantes agrícolas. En: C. R. Rodríguez-Solera y T. De J. Rojas-Rangel (Coordinadores). *Migración interna, infancia y derecho a la educación: aproximaciones interdisciplinarias, actores y propuestas de políticas públicas* (pp. 43-73). Universidad Iberoamericana, Ciudad de México. Recuperado de <https://n9.cl/pbzt>

Ronquillo, V. (2020). A un año del acuerdo migratorio con EE. UU.: la crisis humanitaria es más grave. *Pie de Página*, 26 de junio. Recuperado de <https://piedepagina.mx/a-un-ano-del-acuerdo-migratorio-con-eeuu->

Sistema Integral de Información del Programa de Empleo Temporal (SIIPET) (2009). Encuesta Nacional de Jornaleros en la Agricultura. Recuperado de <http://www.cipet.gob.mx/jornaleros/>

Secretaría de Relaciones Exteriores-Gobierno de México (SER-GOM). (2020). Capítulo Laboral del T-MEC. Recuperado de <https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/465805/23Laboral.pdf>

\_\_\_\_\_. Protocolo Modificado al Tratado entre los Estados Unidos Mexicanos, los Estados Unidos de América y Canadá. 2020. Recuperado de [https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/516595/Protocolo\\_Esp\\_BIS\\_COTEJO\\_SE\\_SRE.pdf](https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/516595/Protocolo_Esp_BIS_COTEJO_SE_SRE.pdf)

Suárez-Escobar, M. y Durand-Alcántara, C. H. (2020). Niños jornaleros migrantes en México. Problema grave de derechos humanos. *Lex Social*, vol. 10, núm. 1 (2020):452-464. Recuperado de [https://upo.es/revistas/index.php/lex\\_social/article/view/4554](https://upo.es/revistas/index.php/lex_social/article/view/4554)

Tzannatos, Z., Orazem, P.F. & Sedlacek, G. (2009). Policy Options to Eradicate Child Labor and Promote Education in Latin America. In: Peter F. Orazem, Guilherme Sedlacek, and Zafiris Tzannatos, *Child Labor and Education in Latin America: An Economic Perspective* (pp. 189-217). New York, Palgrave Macmillan.

United States Department of Labor (USDOL). 2018. List of Goods Produced by Child Labor or Forced Labor. Washington, DC. Recuperado de <https://www.dol.gov/agencies/ilab/reports/child-labor/list-of-goods>

United States Department of Labor-Bureau of International Labor Affairs (USDOL-ILAB) (2020). Iniciativas para eliminar las peores formas de trabajo infantil, trabajo forzoso y trata de personas en todo el mundo, Washington, D.C. Recuperado de <https://www.dol.gov/agencies/ilab/our-work/child-forced-labor-trafficking>

Verité. (2020). Covid-19 in the Coffee Sector: Challenges for Workers and Farms. Amherst, Massachusetts. Recuperado de <https://www.verite.org/covid-19-in-the-coffee-sector/>

## SOBRE O ORGANIZADOR

**Luis Fernando González-Beltrán-** Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizaje basado en proyectos 106, 108, 109, 111, 112, 113, 115, 117, 146

Aprendizaje internacional 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56

Autorregulación del aprendizaje 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 53, 54, 55, 56, 59, 67, 93, 94

### B

Betão 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 266

Born-global 161, 163, 176, 184, 186, 189, 193

Brecha de género 1, 21

Burnout 126, 127, 130, 131, 132, 133, 136

### C

Common European identity 284, 286, 288, 294

Competencias investigativas 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117

Complexity 167, 183, 208, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 282

Construction project 267, 268, 269, 270, 277, 278, 279, 280, 281, 282

Coordination 167, 208, 209, 210, 211, 213, 214, 216, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229

Critico 27, 29, 36, 46, 67, 71, 74, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105

Currículo 25, 40, 74, 97, 99, 101, 102, 103, 104, 107, 110, 141, 143, 144

### D

Descomposición probit 1

Determined system 267, 275, 281, 285

Diplomacia 153, 154, 155, 157

Diseño estrategico 198

### E

Edifícios 243, 244, 245, 246, 255, 258, 261, 263, 265

Educación de adultos 137

Enfermería 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 104, 105

Entrenamiento en habilidades autorregulatorias 42, 43, 45, 48, 72, 73, 75, 76, 78, 80, 81, 86

Escolas 4, 30, 97, 101, 102, 103, 135

ESports en Educação 34

Estrés 37, 46, 94, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Evaluación y retroalimentación 118, 119, 124

## F

Formación a lo largo de la vida 137, 140

Formación de personas adultas 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

Formación de profesores 25, 28

Formación docente 25, 106, 117

## G

Gradual theory 161, 165

## H

Habilidades intrapersonales 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

Human resources 177, 267, 269, 272, 273, 277, 278, 280, 282

## I

Innovación 40, 116, 124, 126, 128, 134, 135, 140, 198, 202, 203, 204, 206, 207

Intangibles empresariales 198, 200, 201, 202, 203, 206

Interculturalidad 43

Internationalisation process 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192

Investigación formativa 106

## L

Lectura y escritura 25, 29

Living infrastructures 230, 231, 234

## M

Metodología 43, 45, 53, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 64, 67, 68, 73, 74, 79, 80, 82, 83, 87, 89, 90, 93, 94, 95, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 132, 137, 145, 146, 195, 200, 201, 202, 204, 207

Metodologías activas 106, 108, 146, 152

Migration governance 284, 286, 290, 291, 292, 294, 296, 297, 298

Monarquía hispánica 153

## N

Network theory 161

## O

Organization design 208

## P

Paz perpetua kantiana 153, 155

Pensamiento reflexivo 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104

Planeación estratégica 127

PLk 153

Policentrismo 153

Portafolio del estudiante 118, 119, 120, 121, 123, 124

Proceso de diseño 198, 199, 201, 203, 204, 205, 206

Productivity management 267, 272, 273, 277, 280

Project management 208, 223, 225, 268, 269, 270, 280, 281, 282, 283

## R

Redacción académica 118, 119, 124

Reforço 243, 244, 246, 252, 253, 257, 260, 261, 262, 263

Refugee crisis 284, 285, 286, 287, 288, 290, 291, 292, 294, 296, 297, 298

Rendimiento académico 42, 43, 45, 48, 49, 50, 73, 75, 77, 78, 80, 81, 86, 90, 91, 92, 127, 136

Reparação 243, 244, 246, 250, 254, 255, 256, 257, 258, 261, 262, 263

Ruralidad 13, 19, 20, 25, 28

## S

Sacro Imperio Romano Germánico 153

Soberanía 153, 155

Sociedad del conocimiento 49, 92, 93, 136, 198, 200, 201, 205, 206

## T

Technology 43, 165, 192, 207, 208, 209, 227, 228, 230, 235, 236, 238, 239, 242, 265, 279, 280, 281, 282, 283

Técnicas 43, 46, 48, 50, 54, 55, 56, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 79, 82, 83, 84, 90, 106,

109, 111, 114, 144, 204, 243, 244, 246, 250, 254, 260, 263

Top-down planning 284, 285

Transdisciplinariedad 137, 138, 139, 145, 146, 149, 150, 151

Transfronterizo 1

Tutoría 30, 127, 128, 129, 130, 135, 136

Tutorías 31, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 135

## U

Uncertainties 267, 268, 269, 270, 271, 272, 275

Urbanism 230

## W

Well-being 230, 231, 232, 235, 239, 240

Westfalia 153, 154, 155, 158, 159

Wild urban corridors 230, 235, 239

Wine sector 161, 163, 187